



Caros Convidados,

Dr. Fernando Silva	InCI
Eng. <sup>a</sup> Ivone Nobre	InCI
Dr. Armando Marques	Vice-Presidente OTOC
Dr. Eurico Pais	SR Sul Ordem Farmacêuticos
Prof. <sup>o</sup> Ilídio Mestre	Director ISE Algarve
Prof. <sup>a</sup> Manuela Vaz Velho	Directora ESTG Viana Castelo
Eng. <sup>o</sup> Luis Malheiro	LMSA
Dr. António Prôa	GP - PSD
Dra. Celeste Correia	Ex-Deputada PS

Caros Colegas,

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Em nome dos Engenheiros Técnicos, quero manifestar, partilhar convosco a enorme alegria de dar hoje corpo à ideia dos engenheiros técnicos serem representados por um bastonário.

Quis o tempo e as vicissitudes que o primeiro a ocupar esse lugar fosse eu, quase 30 anos após o início do meu percurso na busca do reconhecimento de uma classe centenária e que não poucas vezes em tempos idos e actualmente continua a ser insultada e denegrida. Mas, tal como noutros tempos, também agora essas tentativas estão votadas ao fracasso.

A OET legítima sucessora da ACOP fundada há 128 anos tudo continuará a fazer para que os seus membros continuem a praticar boa engenharia e que com o seu esforço e saber contribuam para o desenvolvimento do País e do mundo onde se inserem.

Ao tomar posse do cargo de bastonário dos engenheiros técnicos quero na pessoa de 3 engenheiros técnicos já desaparecidos homenagear e agradecer o trabalho de todos os colegas a que refiro, são os colegas Ferreira da Costa, Sant'Ana Alves e António Gameiro. Igualmente quero aqui recordar outros 3 engenheiros que muito contribuíram para a afirmação da nossa classe e são eles o Engenheiros Ferreira Cardoso e Brazão Farinha, meus professores, e ainda o Engenheiro Vaz Guedes, que enquanto bastonário da Ordem dos Engenheiros assinou o acordo para a FEANI, reconhecendo assim ao nível nacional e internacional a classe dos Engenheiros Técnicos.

Permitam-se também que vos diga o quanto estou orgulhoso de ser Engenheiro Técnico, que apesar de Mestre me sinto muito bem nestes quase 30 anos de actividade em busca do reconhecimento social da nossa classe, já que ao nível profissional, ela sempre foi reconhecida por toda a sociedade. Esse reconhecimento social foi obtido pela Lei n.º 47/2011, de 27 de Junho, e é um marco da história dos Engenheiros Técnicos, mas mais importante que isso é um marco na engenharia e na sociedade portuguesa.

Para o mal e para o bem os engenheiros técnicos são incontornáveis.

No momento em que tomo posse como primeiro bastonário da Ordem dos Engenheiros Técnicos quero agradecer a todos aqueles que me têm acompanhado e não poucas vezes suportado as muitas irritações e destes todos onde não esqueço os nossos funcionários, quero destacar aqueles que passados quase 30 anos se mantêm disponíveis para continuar a trabalhar comigo e que são, de entre outros, os nossos Colegas Hélder Pita e Pedro Brás e aqueles que se juntaram mais tarde, e dos quais destaco os Engenheiros Técnicos António Lousada e José Manuel Sousa. Obviamente que muitos outros há que me têm acompanhado, mas estes são aqueles que mais têm suportado o meu bom feitio.

Não quero esquecer que o exercício do poder de um presidente, e agora bastonário, é um exercício solitário e após ouvir tudo e todos cabe decidir. E quando se decide é uma situação de opção pelas suas convicções correndo os riscos de ser bem entendido ou não. Para sorte nossa a maioria das decisões têm sido correctas e têm conduzido a que, cada vez mais, só aqueles que estão aptos a exercer engenharia o façam.

Os últimos anos têm sido muito ricos em acontecimentos e de todos esses acontecimentos destaco o processo/reforma de Bolonha, que trouxe ao País uma nova esperança em que o conhecimento é o centro de toda a preocupação do sistema educativo português.

Este processo não tem sido fácil, pois a resistência de algumas castas tudo têm feito para que o acesso ao conhecimento seja cerceado a vastas camadas da população. Mas, tal como aconteceu com a aprovação da Lei n.º 47/2011, também noutras situações as suas vozes não vão chegar a lado nenhum.

Nesta linha de pensamento é obvio que a redenominação da ANET está a contribuir para uma nova imagem dos Engenheiros Técnicos.

Nunca como agora fomos tão atacados e se somos atacados é porque incomodamos os interesses instalados.

Obviamente que preferíamos que não gastassem energias connosco mas sim com a melhor forma de fazer engenharia e ministrar engenharia.

Se outra vantagem não tivesse havido, a redenominação da ANET para OET veio obrigar a que os engenheiros técnicos fossem cobiçados por todos e agora, todos queiram representar os licenciados pós-Bolonha, coisa que até aqui era rejeitada por alguns que consideravam que para exercer engenharia era só para 2.º ciclo.

Os desafios que tenho são de continuar a trabalhar na dignificação dos engenheiros técnicos enquanto profissão que tem que ter a confiança pública.

Desde já anuncio o 1.º Congresso da OET para Outubro/Novembro de 2013 em Évora.

Caros Convidados,

Caros Colegas,

Neste momento algumas perguntas se colocam, às quais urge dar resposta.

1. Qual será o papel como Bastonário da OET?

O Bastonário da Ordem dos Engenheiros Técnico será a face visível de uma Classe profissional competente, que desenvolve a sua actividade profissional em Portugal há quase 160 anos, e ao qual cabe ser porta-voz das preocupações da Classe quando está em causa o interesse público, assegurando que o consumidor final está protegido. Tentarei ser um “bastonário” que não sirva só de veículo para a afirmação de posições corporativistas, antes sendo um elemento dinamizador de uma melhor prática da engenharia.

2. Quais são os principais desafios futuros para a OET?

Os principais desafios da OET para o futuro são os de mobilizar as escolas(Universidades e Politécnicos, públicos ou privados) para ministrarem uma melhor formação, inicial e ao longo da vida, com o intuito de que os Engenheiros Técnicos possam ser cada vez mais capazes de praticar uma engenharia de excelência.

3. Tendo em conta os 26 pontos globais do nosso programa eleitoral, quais serão os mais importantes/urgentes?

Os mais importantes são aqueles que pretendem transformar o pensamento instalado.

Desde logo, o desafio que lançámos às outras Ordens para se empenharem numa melhor defesa do interesse público, dado representarem “profissionais de confiança pública”. Isso obriga a uma atitude menos corporativa e mais preocupada com o bom desempenho nacional e internacional da arquitectura e engenharia portuguesa, protegendo os cidadãos.

No nosso caso, não podemos esquecer o combate à engenharia e arquitectura ilegal e ilícita e as assinaturas de favor que constituem um dos cancros com que a sociedade portuguesa vive. Ao longo de 12 anos criámos mecanismos de detecção dessas situações e, agora, vamos procurar mobilizar todas as ordens na defesa destes valores.

4. Que mudanças se considera que a alteração de designação trouxe para a OET?

A principal mudança é na imagem.

De facto, a ANET já era a entidade reguladora da profissão de Engenheiro Técnico. Só não existia um reconhecimento social generalizado, até ao nível de alguns gabinetes ministeriais que consideravam a ANET como associação de direito privado, o que não acontece desde 1999, data em que a ANET foi criada como Associação Profissional de Direito Público. Aliás, a única coisa que a ANET não tinha era a designação de Ordem.

Daí considerarmos que pouco vai mudar internamente mas muito vai mudar do ponto de vista do relacionamento da OET com as outras entidades e da opinião pública.

5. De que forma, sob a minha direcção, a OET pretende lidar com as divergências actualmente existentes com a Ordem dos Engenheiros?

Os Engenheiros Técnicos e os Engenheiros não têm divergência nenhuma e trabalham diariamente, lado a lado, para o progresso de Portugal.

As relações com as outras Ordens Profissionais serão sempre de exigência de cumprimento dos valores da ética e do princípio de respeito pelas competências delegadas pelo Estado. Isso é válido para a Ordem dos Engenheiros (OE), e para todas as outras.

Na divergência a que se refere, que é essencialmente entre atitude de alguns dirigentes. O que está em causa é o cumprir a Lei e uma questão de respeito pelo papel das restantes Ordens Profissionais. O tempo acabará por clarificar quem foram os dirigentes que estiveram à altura da sua história. A nós não verão dar entrevistas a denegrir outras classes profissionais porque sabemos distinguir os profissionais dos seus dirigentes ocasionais.

Aquilo que não aceitamos, em nenhum momento, é que a defesa corporativa dos interesses de alguns se possa sobrepor ao interesse dos portugueses e do consumidor final.

O resto, são “guerras de alecrim e manjerona” que os tribunais, atempadamente, decidirão.

Mais importante é a vida futura e como é do vosso conhecimento a recente decisão da Ordem dos Engenheiros de reconhecer os diplomados de 1º



ciclo Pós-Bolonha levou a OET a apresentar uma providência cautelar contra esta e só esta decisão da sua Assembleia de Representantes, competindo agora aos tribunais decidir de que lado está a razão, pelo nosso lado aguardaremos serenamente a decisão do tribunal, confiantes de que o nosso ponto de vista terá provimento. Contudo, e independentemente da decisão dos tribunais, nada ficará como antes. Senão vejamos, aqueles que diziam e escreviam em diferentes textos publicados, em entrevistas e em intervenções públicas, no passado recente, 4 meses atrás, que os diplomados de 1º ciclo não possuíam as competências, nem tão pouco os conhecimentos, para poder desempenhar a actividade de engenharia com total autonomia, devendo apenas desempenhar actos subalternos, aqueles que durante o processo de discussão dos nossos novos estatutos aduziram argumentos afirmando que a profissão de Engenheiro Técnico não era uma profissão autónoma, vêm hoje dizer publicamente que estavam enganados, vêm renegar tudo o que disseram, demonstrando que os argumentos dirimidos na altura eram injustos e infundados, sendo, ao mesmo tempo uma forma corporativa de denegrir a imagem daqueles que com eles competem no mercado profissional. Atente-se na evolução do seu discurso. Aqueles que dantes não podiam desempenhar actos de engenharia, são hoje acolhidos como potenciais membros no seu seio, sendo-lhes atribuído o título profissional que só estava reservado para uma pequena elite de cursos de mestrado (integrado ou não) acreditados pelos seus doutos

inspectores de escola – O título de Engenheiro com competências a atribuir caso a caso. Em suma, aconteça o que acontecer com a providência cautelar e com a acção principal a ser entregue de seguida, não fica nenhuma dúvida de que os profissionais que há muito eram já reconhecidos pela sociedade e pelos seus pares do mundo profissional, passam agora a ser também reconhecidos de uma forma inequívoca, por todas as ordens.

A resposta a todas as questões é a confiança da sociedade e comunidade académica tem respondido e é visível no momento de inscrições nos últimos meses, a saber:

Junho 2011	Inscrições	38 das quais
	Licenciados	29
	Bacharéis	9
	Estudantes	7
Julho 2011	Inscrições	125 das quais
	Licenciados	100
	Bacharéis	21
	Estudantes	15

Agosto 2011	Inscrições	53 das quais
	Licenciados	43
	Bacharéis	10
	Estudantes	15

Setembro 2011	Inscrições	53 das quais
	Licenciados	43
	Bacharéis	10
	Estudantes	15

Obviamente que o mercado sabe que quando quer um engenheiro mesmo para fazer engenharia, contrata um engenheiro técnico da OET.

Caros Convidados,

Caros Colegas,

Resta-me desejar bom trabalho e a agradecer a vossa presença neste dia tão importante para os Engenheiros Técnicos.

Obrigado